

Susan Lewis

UM AMOR
INESPERADO



PORTO EDITORA

Prólogo

– Há aqui um esconderijo secreto – disse o menino, indicando o caminho. – O meu tio mostrou-me onde fica. Era onde ele guardava todas as suas coisas especiais quando era pequeno, assim como o meu avô. Nem a Elodie sabe que ele existe.

– Achas que há aranhas? – perguntou Natalie, seguindo-o de perto.

– Ah, sim, muitas. Se quiseres, posso apanhar algumas e tu dás-lhes nomes.

Os olhos de Natalie perscrutavam a escuridão.

– Estão aqui camas – constatou. – Alguém dorme nelas?

– Só eu e a Elodie, quando nos apetece.

O menino, Antoine, tropeçou na ponta de um tapete puído e, depois, parou à frente de uma grande arca de mogno fracamente iluminada por alguns raios de sol errantes que entravam por uma pequena janela existente no tecto.

– Estás preparada? – perguntou, quando Natalie foi ter com ele, com uma voz que transpirava importância.

– Não vais fazer nada de mal, pois não? – interrogou ela. – Se fizeres, eu grito e bato-te.

– Não sejas tonta. Observa. – Ajoelhando-se à frente da gaveta de baixo, usou os elegantes puxadores de ferro para abri-la lentamente. Ouviu-se um estrondo quando a gaveta caiu no chão.

Natalie olhou para ela e, depois, novamente para Antoine, que parecia cheio de mistérios.

– E então? É só uma gaveta – zombou. – Nós temos gavetas por toda a casa.

– Pois, mas aposto que não têm uma gaveta escondida atrás de outra – declarou ele e, estendendo as mãos no espaço vazio, puxou outra gaveta.

Já mais interessada, Natalie pôs-se de joelhos para examiná-la.

– Está vazia – comentou, aborrecida e desiludida.

– Sim, porque eu tirei os meus segredos antes de vires, não fosses descobri-los.

Ligeiramente enfadada de novo, Natalie olhou para o espaço mal iluminado do sótão.

– Nunca tinha vindo aqui acima – disse. – Acho que eu e o Harry devíamos dormir aqui.

– No Verão, não pode ser. Faz muito calor.

Era Verão e a gaveta não encerrava nenhum segredo, pelo que não se demoraram.

Natalie voltou no Natal, quando estava muito frio para ela e o irmão Harry dormirem no sótão. Mas, na Páscoa, quando a avó a levou, teve medo de lá dormir sozinha, apesar de o tempo estar bom. No entanto, de dia, não tinha medo e era aí que, por vezes, ia escrever os seus segredos num diário só seu que mantinha escondido na gaveta oculta.

Numa manhã de chuva, quando estava sentada debaixo da janela do tecto, escrevendo os seus pensamentos mais íntimos a respeito de Antoine, ouviu chegar um carro lá fora e, passados alguns instantes, a avó gritou-lhe que descesse e fosse ver quem tinha chegado. Natalie escreveu rapidamente mais algumas palavras no seu diário e, em seguida, depois de o ter guardado cuidadosamente na gaveta secreta, desceu. A porta da cozinha estava aberta e, como a chuva não a incomodava, saiu. Decidiu que voltaria ao seu diário mais tarde e escreveria sobre tudo o que tivessem feito nesse dia.

Natalie nunca mais voltou a escrever no seu diário.

Capítulo Um

– Jessica? Jessica Moore?

Jessica voltou-se, esperando, de certo modo, encontrar alguém que conhecia, mas o rubor das faces enrugadas pela idade diante de si e a expressão emotiva dos olhos velhos e lacrimosos bastaram para saber que nunca tinha visto aquela mulher.

Jessica sorriu-lhe vagamente. Não queria ser indelicada, sobretudo porque a velhota parecia encantadora com os seus fofos caracóis brancos e sorriso caloroso, mas também não queria tomar parte no ar de tragédia que emanava de uma amabilidade que a atingia em ondas quase sufocantes.

Quando a mulher começou a falar, Jessica continuou a sorrir e até acenou com a cabeça uma ou duas vezes, mas o seu espírito fugira rapidamente para outro lugar, para outro momento, onde já não era possível alcançá-la.

Estavam a meio do corredor entre prateleiras cheias de produtos para a alimentação animal do Sainsbury's, em Cromwell Road. Era estranho que Jessica estivesse ali, pois não tinha nem nunca tinha tido animais em casa. Em pequena, queria tão desesperadamente ter um cão que costumava puxar um rolo de cordel atrás de si, chamando-lhe Timmy. Agora, tal recordação vinha-lhe à memória tão suavemente como um sussurro. Via uma menina solitária sem irmãos nem irmãs, com pai desconhecido e uma mãe de extraordinária beleza que, por vezes, a queria, mas, geralmente, nem por isso. Os avós, com quem tinha vivido quase sempre, tê-la-iam deixado ter um cão, mas a mãe, do outro lado da linha

telefónica ou numa das suas visitas arrebatadoras em que a enchia de presentes, jamais o permitiria.

– Ora, ela irá viver comigo a qualquer momento – costumava a mãe dizer efusivamente, cheia de caracóis espiralados e batom vermelho-cereja – e lamento, mas não posso ter também um cão. É o pior laço que se pode ter e com toda esta questão da quarentena... E se formos viver para o estrangeiro? Não, não, um cão é só mais uma complicação e isso é algo que dispenso.

Foram mesmo viver para o estrangeiro, ela e a mãe, durante dois anos de angustiante solidão, em que Jessica sentiu tanto a falta dos avós que, no final, tinha deixado de comer e até de falar. Sabia, à maneira de uma criança de oito anos, que a mãe não a queria realmente ali, que era uma responsabilidade tão incómoda como um cão – talvez até mais – e o homem com quem a mãe vivia também não parecia interessado nela.

No final, a mãe e o amante franco-canadiano tinham-se separado e Jessica tinha sido enviada de volta para Dorset, para junto da avó adorável e do avô grande e forte. Foi aí que ficou – sem contar com mais algumas tentativas desastrosas por parte da mãe de o ser a tempo inteiro – até ela e a melhor amiga, Lilian, irem para a universidade, aos dezoito anos de idade.

Porém, já estava tudo esquecido. Tinha sido há muito tempo e, agora, não tinha qualquer importância.

Sentindo uma ligeira pressão no braço, Jessica olhou e viu os dedos artríticos da velhota a tocarem-lhe carinhosamente. Os olhos de Jessica fixaram o olhar afável da mulher. Sorriu novamente e, depois de agradecer num sussurro delicado, começou a empurrar o seu carrinho de compras pelo corredor. Nos instantes que se seguiram, concentrou-se apenas no que tinha ido comprar: queijo fresco, *muesli*, massa fresca, alcachofras... Tinha feito uma lista e a maioria dos artigos já estava riscada, pelo que faltava apenas ir buscar pão antes de ir para a fila da caixa.

Era uma manhã de quinta-feira, em inícios de Julho. Não havia muita gente, mas, mesmo assim, enquanto cuidava discretamente da sua vida, ela sentia olhares a seguirem-na como fantasmas, parecendo fixar-se nela mesmo depois de o par de olhos curiosos, compassivos e até constrangidos que a haviam abordado se terem afastado. Esta era uma das piores partes de ser «conhecida»: não lhe era permitido refugiar-se no anonimato, nem ter uma privacidade efectiva que pudesse considerar sua.

Pelo menos, quando estava em público, e era a primeira vez que ousava sequer ir ao supermercado desde o terrível acontecimento que lhe tinha destruído a vida. Já tinham passado mesmo três meses? Por vezes, parecia que tinham sido apenas três dias, enquanto, noutras alturas, era como se tivesse acontecido há uma eternidade.

Devia comprar um cacete ou um *pain de campagne*? Agora, estava a pensar em Charlie e só queria tê-lo deixado acompanhá-la. Ele tinha-se oferecido, mas, na verdade, não tinha tempo e Nikki, a filha de dezassete anos de ambos, tinha apenas olhado para ela e encolhido os ombros, como se quisesse dizer-lhe: «Não me peças tal coisa. Nem sei porque estás a fazer tanto alarido. É só um supermercado, por amor de Deus».

Jessica não lhe tinha dito que receava ir-se abaixo em público. Nikki não precisava de o saber. Durante alguns instantes de loucura, tinha considerado a hipótese de fazer com que Harry, de oito anos, ficasse em casa e faltasse às aulas para poder acompanhá-la, mas, além de ser uma ideia egoísta e até covarde, teria deitado por terra o objectivo daquela saída, que era o de começar a regressar à normalidade.

Curiosamente, agora que ali estava, a única coisa que realmente sentia era um vago distanciamento em relação a si própria, quase como se fosse outra pessoa que andava às compras, observando o andamento de Jessica Moore e perguntando-se como seria estar no lugar dela. Será que as pessoas conhecidas sentem as coisas tão profundamente como os outros? Ser-lhes-á mais fácil reerguer-se, por terem dinheiro, fama, beleza ou maridos bem sucedidos?

– Não é ela – ouviu alguém sussurrar perto de si.

– Olha que é.

– Quem? De quem estamos a falar? – perguntou uma terceira voz.

– Da Jessica Moore – alguém respondeu.

– Jessica quê?

– Moore. Tu sabes, a que apresenta o programa de artes à quarta-feira, depois do noticiário. Acho que também trabalha na rádio, mas nunca a ouvi. É horrível o que aconteceu. Dá-nos vontade de ir dar-lhe um abraço, não é?

– Porquê? O que aconteceu?

– Nunca lês um jornal? Sinceramente, às vezes, pergunto-me se sequer sabes em que dia da semana estamos.